

CAPACITAÇÃO RURAL: O CASO DO SAI – SISTEMA AGROINDUSTRIAL INTEGRADO DO SEBRAE/SP – MÓDULO DE ARARAQUARA.

Ricardo Luiz Sápia de CAMPOS¹

O trabalho que desenvolvemos no pós-doutorado busca mapear e entender as experiências de capacitação profissional promovidas pelo SAI – Sistema Agroindustrial Integrado do SEBRAE, módulo de Araraquara – SP.

Alguns pontos são perseguidos na nossa investigação de pesquisa, a saber: concentração produtiva em territórios, vocação produtiva local, organização do trabalho em pequenos núcleos de produção rural, construção de novos mercados, conhecimento como força produtiva.

Nos últimos anos intensificou-se o surgimento de focos de produção que valorizam o “local” como ambiente privilegiado da produção. Este local, algumas vezes tido como aglomerado produtivo ou Clusters, (MONIE; SILVA, 2003), outras como distritos industriais, (BECATTINI, 1998) apresenta alguns fatores e características comuns que facilitam, possibilitam e proporcionam novas e distintas formas produtivas e de organização do trabalho. Chamamos distintas por fugirem completamente da perspectiva do mercado massificado e da antiga organização do trabalho (CAMPOS, 2004b).

Estes, chamados novos territórios produtivos, quer seja por mero fator de reorganização da produção, investimento político-institucional, ou ambos, aparecem como locais privilegiados, uma espécie de laboratórios de pesquisa (COCCO; URANI; GALVÃO, 1999). As características internas destes territórios como equilíbrio entre cooperação e disputa, interdependência, comunicação etc., bem como as externas, ou seja, a maneira que tais territórios produtivos se relacionam com o “mundo”, bem como com outros territórios constituídos aponta tanto a importância, quanto a especificidade destes novos territórios produtivos (RULLANI, 2002).

Pensamos a emergência e constituição destes territórios dentro do que aqui podemos chamar de “fluxo de globalização” (VEIGA, 2005). Quando a dinâmica produtiva de muitos (ou dos) Estados Nacionais passa a ser definida no contexto da economia global, os novos territórios produtivos, definidos, ou então melhor definidos em suas características internas, como células produtivas, entram no fluxo da globalização, cristalizados como laboratórios produtivos. Relacionando-se, porém, aplicando uma espécie de filtro nas influências positivas e negativas trazidas pelo fluxo da economia aberta (CAMPOS, 2004a).

Uma das características destes territórios é valorizar, criando e recriando a sua vocação produtiva. A definição do que e como produzir sempre está fortemente relacionada com valores e saberes locais ligados à tradição. Todavia, esta tradição não é algo que se revitaliza, ou simplesmente se atualiza, mas que na relação com a precisão racional das conquistas técnico científicas, cria algo de novo abrindo para a sua própria redefinição (BAGNASCO, 1999).

Na condição de laboratórios produtivos que se definem, formam fortes laços não de dependência, mas de relação com o, digamos assim, grande mercado produtivo constituído, e com as antigas formas produtivas e de organização do trabalho. Sendo assim, não dependem

¹ Pós-doutorando em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Sociologia. Pesquisador FAPESP. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - sapiacampos@yahoo.com.br

do sucesso ou insucesso destas, mas da relação que podem manter com elas. Relações díspares, positivas ou negativas, mas que sempre são remetidas para o interior do fluxo comunicativo e interdependente do interior destes territórios.

Portanto, a vocação produtiva dos territórios é tanto algo reproduzido de um passado de saberes próximo ou longínquo, quanto algo que pode ser criado e recriado a todo e qualquer momento (BECATTINI; ZORINI, 2003).

Como se sabe os valores e saberes sempre foram mais bem desenvolvidos, criados e recriados, bem como conservados pelas chamadas sociedades rurais. Apontamento classicamente feito por Weber (1979), ao analisar a formação do capitalismo agrário na Alemanha recém-unificada. A nossa hipótese a esse respeito sugere que a sociedade de tipo industrial, na busca da simplificação e da massificação do consumo e produção elimina saberes, sendo que é nas sociedades de tipo rural, tidas à época como atrasadas, que estes saberes – hoje valorizados, ou que passam a ser valorizados – encontram terreno privilegiado tanto de conservação quanto de possibilidade de se inter-relacionarem.

No tocante à organização do trabalho, as sociedades de tipo rural – ou pelo menos os pequenos núcleos de produção – nunca passaram pela expropriação de saberes, conforme paradigma da sociedade de tipo industrial, que como se sabe contaminou o meio rural, principalmente pela organização do trabalho nas grandes empresas e usinas. Neste sentido, as distintas formas de organização do trabalho existentes no interior destes territórios produtivos apontam tanto para fortes laços de reciprocidade e aproximação entre saber e fazer, quanto para relações de grande exploração que afastam esta relação entre conhecimento e execução do trabalho.

As características até aqui apontadas no interior destes territórios tanto criam, quanto são criadas pela formação de um novo mercado. Este que chamamos de novo mercado é novo por apresentar atributos distintos do antigo mercado de consumo massificado (BAGNASCO, 1988). É flexível, indefinido, valoriza a pluralidade e a diversidade, rompendo com os cânones da estandardização do consumo. Está sempre mais atento, buscando captar potenciais locais e de segmentos de desejos e demandas de consumo. Busca adaptar tais demandas de consumo na forma de um produto final, e nunca, como condição do seu próprio sucesso, busca impor padrões de consumo, e ainda valoriza o fator qualidade e diversidade em detrimento à quantidade e padronização (ABRAMOVAY, 2006).

Valorizando tais potencialidades, o conhecimento em sentido amplo aparece como principal força produtiva (GORZ, 2003). Não há substituição de capital fixo material por capital imaterial, mas o que ocorre é que o produto final tem cristalizado mais conhecimento, portanto capital imaterial, (LAZZARATO; NEGRI, 2001) do que em princípio se possa supor, e seguramente muito mais do que no período de produção massificada.

É neste sentido, ou no sentido de tais colocações, que o SAI – Sistema Agroindustrial Integrado é criado em 1998, implantado no estado de São Paulo, sendo que a região de Araraquara é destacada como área de aplicação do projeto piloto. Os cursos de capacitação do SAI nada têm de treinamento para execução de tarefas, conforme se verificou em largos e distintos períodos históricos, principalmente com as experiências de qualificação e requalificação profissional como políticas públicas de intervenção, como por exemplo via sindicatos. Ao contrário, são cursos de preparação técnica e de gerenciamento da produção, que visando transformar o pequeno produtor em empreendedor ou empresário rural, valoriza e busca revitalizar o fator conhecimento, como principal força produtiva.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. O mercado na sociedade e a sociedade no mercado. **Valor Econômico**. São Paulo, p. 12 - 12, nov. 2006.

BAGNASCO, A. La costruzione sociale del mercato. **Studi sulli sviluppo di Piccola Impresa in Italia**. Bologna: Il Mulino, 1988.

_____. Desenvolvimento regional, sociedade local e economia difusa. In: COCCO, G; URANI, A; GALVÃO. (Org). **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da terceira Itália**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 45 - 58.

BECATTINI, G. **Distretti industriali e made in Italy**. Torino: Bolati-Boringhieri, 1998.

BECATTINI, G.; ZORINI, O. L. Identità locali rurali e globalizzazione. **La Questione Agrária**. Milano, n°1, p7-30, 2003.

CAMPOS, R.S. **Globalização e conhecimento: aspectos para o tema da qualificação profissional no âmbito dos territórios**. Munique: Plataforma ALFA, 2004a.

_____. Distritos italianos, la globalización del local: trabajo y calificación profesional. In: **Competitiveness and development in Europe and Latin America: learning from experience**. Venice: Ca Foscari University, 2004b.

COCCO, G.; URANI, A.; GALVÃO, A. P.(Org.) **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da Terceira Itália**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1999.

GORZ, A. L. **Immateriale: conoscenza, valore e capitale**. Torino: Bollati Boringhieri, 2003.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2001.

MONIE, F.; SILVA, G. (Org.) **A mobilização produtiva dos territórios: instituições e logística do desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RULLANI E. **Sistemi produttivi locali in Europa: tra governance e competitività**. Sviluppo locale, 2002.

VEIGA, J. E. **Do Global ao Local**. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.